

Natacha Catarina Perpétuo

CFE – Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida,
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Portugal
natachaperpetuo@gmail.com

Maria Teresa Gonçalves

CFE – Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida,
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Portugal
mtgoncal@ci.uc.pt

Jorge Pais de Sousa

CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, Universidade de Coimbra,
Portugal
jorgepaissousa@netcabo.pt

António Carmo Gouveia

CFE – Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida,
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Portugal
gouveia.ac@gmail.com

**O contributo de Júlio Henriques para o
conhecimento da diversidade vegetal de São Tomé e Príncipe**

O arquipélago de São Tomé e Príncipe foi, durante muito tempo, um dos ex-territórios ultramarinos portugueses menos explorado cientificamente. Júlio Henriques, professor da Universidade de Coimbra e director do Jardim Botânico, foi o principal arquitecto da exploração botânica do arquipélago no fim do século XIX. Na extensa rede científica que estabeleceu, participaram naturalistas e amadores, com destaque para A. F. Möller, e cientistas de toda a Europa. São objectivos deste trabalho i) divulgar o contributo de Júlio Henriques para o conhecimento da flora de S. Tomé e Príncipe através da análise dos trabalhos publicados, na sua maioria, no Boletim da Sociedade Broteriana e ii) evidenciar a actualidade e pertinência desses trabalhos e das colecções botânicas produzidas para a investigação actual.

Palavras-chave: Agricultura Tropical, Boletim da Sociedade Broteriana, Diversidade Vegetal, Fungos, Herbário da Universidade de Coimbra, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

São Tomé and Príncipe was one of the Portuguese overseas ex-territories less scientifically explored for many years. Júlio Henriques, professor at the University of Coimbra and director of its Botanical Garden, was by the end of the XIXth century, the mentor of the botanical exploration of the archipelago. Within the broad scientific network he established amateurs and naturalists alike participated, with emphasis to A. F. Möller, and scientists all over Europe. The goals of this article are to: i) appraise Júlio Henriques' contribution to the knowledge of São Tomé and Príncipe's flora, through the analysis of his published work, mainly in the Boletim da Sociedade Broteriana and ii) highlight the pertinence and relevance of these works and biological collections to current research.

Keywords: Boletim da Sociedade Broteriana, Botanical Garden of the University of Coimbra, Fungi, Herbarium of the University of Coimbra, Plant diversity, Tropical Agriculture

Júlio Henriques e as explorações botânicas em S. Tomé (1885-1903)

Júlio Augusto Henriques (1838-1928) foi professor e botânico na Universidade de Coimbra durante toda a sua carreira. Nasceu no Minho (Arco de Baúlhe, Cabeceiras de Basto) e estudou Direito e Filosofia Natural na Universidade de Coimbra. Doutorou-se em 1865 com a dissertação “*As espécies são mudáveis?*”¹ e em 1866 foi nomeado lente substituto extraordinário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, onde leccionava as disciplinas de Botânica e Agricultura, Zoologia, Química e Mineralogia.

Nessa época, década de 60 do século XIX, a malária manifestava forte incidência, quer em Portugal quer nas ex-colónias, e a cultura da quina² se revestia-se de grande interesse económico. Quando iniciou as funções de professor, e mais tarde de Director do Jardim Botânico, Júlio Henriques, retomou os ensaios da cultura da quina³: era importante seleccionar as espécies com maiores níveis de quinino e os territórios mais adequados à cultura destas plantas (Fernandes, 1991). Júlio Henriques cultivava as plantas nas estufas do Jardim Botânico e enviava-as para os locais seleccionados em colaboração com os Serviços de Agricultura, Governadores e fazendeiros de várias províncias africanas e onde eram realizados diversos ensaios. Em 1880 Júlio Henriques escrevia: “*a ilha de S. Thomé, pela sua posição, e pelo que d’ella se sabe já em relação ás plantas da quina, que ahi têm prosperado admiravelmente, parece destinada a produzir plantas, que poderão ser distribuídas pela costa ocidental da Africa*” (Henriques, 1880, p. V-VI).

Podemos especular que o interesse de Júlio Henriques pelo estudo da flora de S. Tomé e Príncipe tenha surgido na sequência dos trabalhos sobre a cultura da quina; mas é facto que este interesse o acompanhou toda a vida, tendo dedicado a este arquipélago muita da sua actividade de investigador.

A costa occidental da Africa, assim como as ilhas que lhe ficam adjacentes, têm sido percorridas por não pequeno numero de naturalistas, aos quaes se deve o conhecimento d’uma parte importante das riquezas vegetaes d’essas regiões (...) No meio de todos estes trabalhos – cousa notavell – apparece quasi esquecida a fertil ilha de S. Thomé, posta no caminho, por quasi todos seguido, attrahente com uma vegetação luxuriante e proxima d’uma região regularmente explorada, como é Fernando Pó e parte da costa correspondente. Apenas alli tocaram alguns botanicos, fazendo rapidas excursões e deixando por isso ignorada a fórma, riqueza e qualidade da vegetação. (Henriques, 1886a, p.129)

O primeiro trabalho de exploração botânica com algum relevo foi realizado por George Don que efectuou colheitas na Serra Leoa e em S. Tomé (1822): “*a colheita foi porém pequena, pois consta de 90 especies, sendo 73 de plantas dicotyledoneas*

¹ Júlio Henriques defendeu a sua dissertação de doutoramento apenas seis anos após a publicação da obra de Charles Darwin, sendo considerado o primeiro darwinista na conservadora comunidade académica portuguesa (Pereira *et al.*, 2007).

² Quina – designação geral para as árvores do género *Cinchona*, oriundas das altas montanhas dos Andes, da Bolívia, do Peru, do Equador, da Colômbia e da Venezuela e de cuja casca se extrai o quinino, composto utilizado no combate à malária. A sua cultura entrou em declínio com a síntese química do princípio activo.

³ Os primeiros ensaios desta cultura nos territórios africanos (1864) deveram-se à iniciativa de Welwitsch: “*esta primeira tentativa, porém, não deu resultados (...) porque as sementes pertenciam á peor das especies*” (Henriques, 1880, p.9).

e 17 de plantas monocotyledoneas. De plantas cryptogamicas o numero foi tao limitado, que nem mesmo d'essas poucas se fez menção na Flora Nigritiana” (Henriques, 1886a, p.131). Seguiu-se Welwitsch “que de viagem para Loanda em 1853 alli se demorou com o fim de conhecer a flora local⁴” e, mais tarde, de Gustav Mann que “percorreu as montanhas que ficam nas proximidades da bahia dos Mafras (...) visitou tambem as ilhas adjacentes, Fernando Pó, Principe e S. Thomé [em 1861]” (Henriques, 1886a, p.131).

Convencido do interesse da exploração botânica da ilha, e perante o desinteresse das entidades governamentais, Júlio Henriques tomou a iniciativa: “Era necessaria a exploração regular da ilha, e porisso mais d'uma vez empreguei diligencias para que ella se fizesse” (Henriques, 1886a, p.129). Diligências bem sucedidas já que Júlio Henriques pôde contar com a colaboração do Governador da Ilha de S. Tomé, Custódio de Borja e de um notável naturalista, Adolpho Frederico Möller (ver Gouveia, 2012):

O (...) governador de S. Thomé e Principe, o sr. Custodio de Borja, a cujo espirito esclarecido se mostravam claras as vantagens do estudo das producções da ilha, para que as forças naturaes podessem melhor ser utilizadas, propôz ao Ministerio da Marinha que fosse nomeado para tal fim o sr. Moller. Por portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, de 24 de janeiro de 1885 foi o sr. Moller encarregado de proceder á exploração botanica da ilha de S. Thomé, e em consequencia d'ella partiu para esta ilha em 6 de maio. (Henriques, 1885b, p.233-234).

Durante os quatro meses que durou a expedição (23 de Maio a 25 de Setembro), Möller colheu espécimes de plantas de todos os grupos vegetais (ver Gouveia, 2012). No relatório sobre a expedição de Möller, escreveu Júlio Henriques: “A parte mais importante dos trabalhos executados pelo sr. Moller refere-se ao estudo da flora, da ilha, e assim devia ser, pois que era esse, o fim principal da exploração” (Henriques, 1886a, p.7).

Prosegue, salientando que: “Avantaja-se, porém, esta exploração ás que fizeram G. Don, que apenas colheu 92 especies e G. Mann, pelo menos, na parte publicadã” (Henriques, 1886a, p.7). As palavras de Júlio Henriques traduzem o reconhecimento da qualidade de Möller enquanto naturalista pois que, além da exploração botânica “o sr. Moller aproveitou todo o tempo disponivel para a exploração zoologica e geologica” (Henriques, 1885b, p.235), tendo colhido espécimes zoológicos de diversos taxa (Figura 1) e os seguintes produtos “uns naturaes, complementares das collecções botanicas, outros industriaes”:

Plantas vivas, 92. Amostras de madeira, 28. Oleo de S. Thomé. Algodão da arvore Océ. Fructos em alcool. Casca de pau purga. Canoa feita de amoreira. Machins, 2. Bengala feita em Ajudá. Caixa para guardar cachimbos. Uma peneira. Annel feito de caroço do Dendem. Contas feitas com sementes de Coinlacryma. Zagaia feita da nervura de folha de palmeira. Armas usadas em S. Tomé e Ajudá. Manipansos. Madeiras de construcção. (Henriques, 1886a, p.7).

⁴ Welwitsch (1806-1872) – médico e naturalista austriaco contratado pelo governo português para realizar estudos botânicos em Angola. Voltaria a S. Tomé em 1860, no regresso de Angola.

	Especies	Exemplares
Mammiferos.....	6	31
Aves (de S. Thomé).....	28	120
Aves (de Bolama e Mossamedes).....	3	3
Reptis.....	11	58
Batrachios.....	2	6
Peixes.....	33	74
Insectos.....	72	1:380
Arachnidios.....	5	30
Myriapodos.....	4	23
Crustaceos.....	12	99
Molluscos.....	56	500
Zoophytos.....	13	40

Figura 1 – Colheitas zoológicas de A. Möller em S. Tomé (Henriques, 1886a, p.8).

A respeito da fauna e da geologia acrescentou:

A fauna de S. Thomé e ilha das Rollas tinha sido já estudada em 1879 e 1880 pelo dr. Greeff; creio, porém, que em Portugal poucos ou nenhuns exemplares zoológicos d'estas ilhas haveria, sendo por isso importante o serviço agora feito.

Tambem o sr. Moller reuniu amostras de rochas, que podessem servir de meio para conhecer a natureza geologica da ilha. O meu collega, professor de mineralogia e geologia [Gonçalves Guimarães] diz-me que as amostras por elle examinadas são de basaltos e de lavas basalticas, mais ou menos alteradas e contendo todas, e mais as do Pico, notável quantidade de magnetite (Henriques, 1886a, p.8).

Durante a permanência na ilha, Möller contou com a companhia de Francisco Dias Quintas⁵, que preparou como colector e “*que mais tarde foi encarregado pelo ex.^{mo} Governador de continuar o trabalho encetado pelo sr. Moller*” (Henriques, 1886a, p.130). F. Quintas realizou trabalhos de herborização em S. Tomé e também na ilha do Príncipe, entre 1885 e 1893. Também Francisco Newton⁶ enviou material de S. Tomé e Príncipe para Coimbra: “*...este explorador teve as primeiras lições de trabalhos botanicos com seu pae, I. Newton (...) mais tarde percorreu uma boa parte da Africa occidental*” (Henriques, 1886c, p.251).

Nos anos que se seguiram à viagem de Möller, Júlio Henriques dedicou parte da sua actividade de investigador à identificação das espécies de S. Tomé e Príncipe, enviadas por Möller, Quintas e Newton, entre outros⁷. Dada a grande diversidade de grupos taxonómicos, Júlio Henriques, solicitou a colaboração de diversos especialistas europeus na identificação das espécies. Entre 1885 (viagem de Möller) e 1909 foram

⁵ Desconhece-se a data de nascimento e morte deste naturalista.

⁶ Francisco Newton (1864-1909) – visitou África por diversas vezes, como naturalista ao serviço do governo português.

⁷ Outras pessoas colheram em S. Tomé e Príncipe, incluindo o próprio Júlio Henriques, mas as principais colecções devem-se a estes três naturalistas.

publicados diversos trabalhos, alguns dedicados exclusivamente à flora de S. Tomé, outros incluindo material de vários territórios ultramarinos (regressaremos adiante a este tema).

A viagem de Júlio Henriques a S. Tomé (1903)

Em 1903, contando já 65 anos e apesar de todas as dificuldades inerentes às viagens naquela época, Júlio Henriques concretizou, finalmente, um desejo antigo:

Desde quando o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra começou a ter relações com os agricultores da ilha de S. Tomé, enviando-lhe plantas úteis e entre elas principalmente as da quina, para que encetassem novas culturas, nutri desejo de visitar esta ilha para ver e estudar processos agrícolas e para contemplar a esplêndida vegetação tropical (Henriques, 1917, p.7).

Em carta de 26 de Maio de 1903 dirigida à Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, escreveu Júlio Henriques:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.Ex.^a que tenciono partir para a ilha de S. Thomé no paquete de 21 do próximo mês de junho, demorando-me n'esta ilha até setembro com o fim de fazer estudos sobre a flora da ilha, das culturas, e de todas as plantas que possam ser consideradas como productoras de borracha.

Júlio Henriques partiu de Lisboa em Junho:

A 23 de junho embarquei no Benguela. Os longos dias de viagem tornaram-se agradáveis pela amabilidade do pessoal do navio e pela optima convivência com os passageiros, que seguiam para diversos pontos de África. (...) Ao fim de 18 dias ao amanhecer tive o prazer de me encontrar em frente da ilha de S. Tomé (Henriques, 1917, p.7-8).

Proprietários e administradores de várias roças receberam com entusiasmo o professor de Coimbra cujo interesse no progresso da agricultura tropical o levava até à ilha: “Cedo desembarquei e em terra tive a satisfação de encontrar amigos e grande número de administradores de roças, que amavelmente me convidaram para visitar as culturas que dirigiam” (Henriques, 1917, p.8).

Após breve estadia na cidade de S. Tomé, Júlio Henriques viajou por grande parte da ilha (Figura 2), e só as condições climatéricas adversas o impediram de subir ao Pico:

Segui depois por entre palmeiras para a roça Boa Entrada, nome bem escolhido (...) e aí passei alguns dias bem agradavelmente. Voltei à cidade e embarcando no pequeno vapor que fazia o serviço da ilha, depois de dobrar (...) o Morro Carregado, aportei ao mesmo porto, onde tinham aportado em 1470 João de Santarem e Pero de Escobar. Daí segui

para a roça Ponta Figo (...) depois (...) por Ponta Furada, S. Miguel, S.º António de Mus-sacabú, Jou, Porto Alegre, donde fui ao ilhéu das Rolas, trepei até Monte Mario, posição esplêndida, Novo Brasil e depois através de longas plantações de cacau até S. João dos Angolares e roça Granja. Embarquei e segui para a cidade, indo daí à roça Água-Izé e seguindo por Huba-Budo, Nova Java, (...) Saudade, Nova Moka, Monte Café, S. Nicolau, subindo até a Lagoa Amelia, não chegando a realizar a ascensão ao Pico de S. Tomé, como tanto tinha desejado. Desci até Ponta Figo e daí pela Rosema (...) entrei na grande roça Rio do Ouro” (Henriques, 1917, p.8-9).



Figura 2 – Roças visitadas por Júlio Henriques na ilha de S. Tomé (1903).

Esta descrição sublinha a importância da visita às roças na sua viagem – propósito claramente definido desde o início e de acordo com o interesse reiteradamente manifestado por Júlio Henriques sobre a agricultura tropical. Ainda assim, este itinerário proporcionou-lhe viajar pela ilha e observar as espécies e formações vegetais espontâneas.

Terminado o período da visita, o regresso a Lisboa fez-se a bordo do *Cabo Verde*:

O Cabo Verde, no qual tinha de embarcar, estava prestes a partir. Forçoso era nele entrar deixando com profunda saudade a terra na qual tinha passado tão belos dias, e recebido

em toda a parte o melhor acolhimento, as mais afáveis distinções, de que sempre guardarei saudosa recordação (Henriques, 1917, p.9).

“A Ilha de S. Tomé sob o ponto de vista historico-natural e agricola” (1917)

Após o regresso a Coimbra e tendo em conta que “*o tempo passado na ilha foi curto para dela obter conhecimento completo*”, Júlio Henriques organizou nos anos seguintes uma monografia sobre a ilha de S. Tomé, contendo toda a informação disponível até à data. Como o próprio afirma: “*o grande interesse que nutro por tão interessante ilha levou a estudar tudo quanto lhe diz respeito*” procurando “*dar da ilha a mais completa notícia, mas quási só sob o ponto de vista histórico-natural*” (Henriques, 1917, p.9). Decorridos catorze anos sobre a viagem, publica no *Boletim da Sociedade Broteriana*⁸, “*A Ilha de S. Tomé sob o ponto de vista historico-natural e agricola*”⁹.

Este extenso e completo trabalho é composto por dez capítulos e termina com o “*Catálogo das espécies de animais e plantas até hoje encontradas na ilha de S. Tomé*”. Representa um trabalho de âmbito alargado, que reúne e actualiza a informação dos artigos já publicados (a maioria no *Boletim da Sociedade Broteriana*) e inclui numerosas consultas bibliográficas, enriquecidas pelas observações resultantes da visita efectuada em 1903. “*Não é pequena a bibliografia relativa a S, Tomé. Fiz o possível para reunir o que nela se compreende*” (Henriques, 1917, p.10) e agrupa os trabalhos consultados em duas categorias¹⁰: publicações gerais sobre a ilha (47 trabalhos) e publicações sobre as culturas e produtos naturais da ilha (86 trabalhos).

Apresenta-se, a seguir, um breve resumo de cada capítulo, com o objectivo de mostrar a abrangência da obra e evidenciar que, subjacente a todos os temas, é possível identificar a perspectiva de análise de um botânico.

A obra tem início com um “Resumo histórico da ilha”, onde Júlio Henriques refere, por exemplo, a descoberta da ilha por João de Santarém e Pêro de Escobar e assim chamada porque “*se julga que aqueles navegantes tenham chegado a S. Tomé a 26 de Dezembro, dia dedicado pela Igreja ao apóstolo S. Tomé*” (Henriques, 1917, p.16). Descreve diversos aspectos da colonização da ilha e da primeira cultura agrícola introduzida, a cana-de-açúcar: “*Desde 1550 já estava estabelecida a principal povoação, cidade episcopal com mais de 600 fogos (...) havia uns 60 engenhos de açúcar, produzindo mais de 150 arrobas (...) havia já muitos comerciantes portugueses, castelhanos, franceses e genoveses*” (Henriques, 1917, p.16-17).

No capítulo seguinte – Posição geográfica e orográfica – Júlio Henriques conta que “*a notícia mais antiga desta ilha encontra-se nas crónicas de Valentim Fernandes, que datam de 1510*” (Henriques, 1917, p.19) e que “*mais tarde, em 1554 um piloto*

⁸ Júlio Henriques fundou, em 1880, a Sociedade Broteriana, assim chamada em homenagem a Avelar Brotero e em 1883 teve início a publicação do *Boletim da Sociedade Broteriana*.

⁹ Esta obra é dedicada à memória de Conselheiro Francisco Felisberto Dias Costa (1853-1913) que foi Secretário-geral do Ministério da Marinha e Director-geral do Ultramar:

A um outro amigo, o Conselheiro Francisco Felisberto Dias Costa, devo favores especiais. Foi êle que me animou a empreender a viagem a S. Tomé, e quem para isso me auxiliou de modo muito especial. De justiça era dedicar-lhe êste meu trabalho à sua memória (Henriques, 1917, p.9).

¹⁰ Nesta relação de trabalhos não estão citados os artigos publicados no *Boletim da Sociedade Broteriana*.

português escreveu outra notícia” (Henriques, 1917, p.20). Destacou as publicações de “Ricardo Greeff que nos anos de 1879 e 1880 percorreu as ilhas do Golfo da Guiné” e descreveu provas da antiga actividade vulcânica da ilha (Henriques, 1917, p.24-25). No entanto, “só nos últimos tempos [a ilha] tem começado a ser estudada cientificamente, podendo afirmar-se que o conhecimento da orografia da ilha se deve quasi exclusivamente ao distinto engenheiro Ezequiel de Campos¹¹ que (...) percorreu a ilha (...) e dela deu notícias importantes” (Henriques, 1917, p.19).

Segue-se o capítulo sobre a “Estrutura geológica”, baseado em ensaios de outros autores e também em observações do próprio Júlio Henriques. Contesta Lopes de Lima¹² que afirmara que as rochas de S. Tomé eram graníticas, apresentando inúmeros dados que comprovam a natureza vulcânica da ilha: “O Prof. Greeff demonstrou isso claramente, e do mesmo modo o Dr. Gonçalves Guimarães¹³ (...) reconheceu rochas basálticas diversas” (Henriques, 1917, p.49). Descreve as observações de Ezequiel de Campos e conclui: “Provas mais evidentes da natureza vulcânica da ilha, se estas pudessem formar dúvidas, são as crateras frequentes, que se encontram na ilha e ainda no ilheu das Rolas, dependência evidente da ilha de S. Tomé” (Henriques, 1917, p.49).

O quarto capítulo – As rochas de S. Tomé – é o único cuja autoria não pertence a Júlio Henriques: “O estudo das rochas foi feito a meu pedido pelo professor de Geologia da Universidade de Coimbra, Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho¹⁴, e dele é êste capítulo”, feito com base na colecção¹⁵ de rochas de S. Tomé do Museu Geológico da Universidade de Coimbra¹⁶: “Como era de esperar é grande a variedade das rochas. Todas vulcânicas, correspondem naturalmente a períodos de erupção muito diferentes, apresentando texturas diversas” (Henriques, 1917, p.54). A colaboração de Júlio Henriques com os professores de Geologia da Universidade de Coimbra foi frequente, nomeadamente com Guimarães Gonçalves e com Ferraz de Carvalho. O entusiasmo de Júlio Henriques por S. Tomé terá contagiado Ferraz de Carvalho que, em 1921, publicou este mesmo trabalho como separata do 1º volume das *Memórias e Notícias* do Museu Geológico de Coimbra¹⁷. No mesmo volume, João F. Cavaco publicou “Análise química da rocha do Cão Grande da Ilha de S. Tomé”, baseado em amostras colhidas por Júlio Henriques em 1903. Posteriormente, Ferraz de Carvalho visitou S. Tomé e Príncipe em 1928 e publicou, em 1929, o trabalho “A Investigação Científica nas Colónias Portuguesas – Notícia sôbre o estudo geológico das Ilhas de S. Tomé e Príncipe”.

¹¹ Ezequiel de Campos (1874-1965) – engenheiro civil e de minas; ingressou no quadro das Obras Públicas na província de S. Tomé e Príncipe, onde permaneceu entre 1899 e 1911.

¹² “A ossada destes montes é de rochas graníticas, quartzo e sílex; não há nelas vestígios vulcânicos” (Lima, 1844 in Henriques, 1917) que Júlio Henriques contesta escrevendo “É asserção errônea e só explicável pelo facto de o seu autor nunca ter desembarcado na ilha, como êle declarou.” (Henriques, 1917, p.48).

¹³ Gonçalves Guimarães (1850-1919) – professor de Geologia da Universidade de Coimbra e amigo de Júlio Henriques.

¹⁴ Anselmo Ferraz de Carvalho (1878-1955) – Professor de Geologia da Universidade de Coimbra.

¹⁵ Composta por 95 exemplares colhidos por A. Möller (1885); por 50 amostras de rochas e terras colhidas por Spengler (1885) e oferecidas por Frederico Riester; por exemplares de grandes dimensões de rochas do Cão Grande e vários exemplares colhidos por Júlio Henriques (1903); outros colhidos e enviados por Ezequiel de Campos e 4 rochas oferecidas por Eduardo e Arnaldo de Lemos (Henriques, 1917).

¹⁶ Actualmente inserido no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

¹⁷ Carvalho, A. F. (1921). As rochas da Ilha de S. Tomé. *Memórias e Notícias*, 1, 9-24.

No quinto capítulo – Clima – Júlio Henriques diz que o clima¹⁸ da ilha “*tem as duas estações distintas de chuva e de tempo sêco*” e realça a importância dos ventos como factores climatéricos e da orografia da ilha “*dividindo-a em duas regiões bem definidas, uma ao Norte, outra ao Sul*” (Henriques, 1917, p.68-69). Lamenta a escassez de registos meteorológicos pois “*para se empreender qualquer cultura com proveito é indispensável conhecer o clima da região natural da planta, que se quiser cultivar, e o clima da região na qual a cultura tem de ser feita*” (Henriques, 1917, p.72). Apesar da inevitabilidade da transformação de áreas florestais em áreas agrícolas, alerta:

A floresta devastada sem critério pode determinar o efeito contrário. Em muitas localidades a devastação da floresta é seguida da falta de humidade e de chuvas e em mais duma localidade a aridez é tal, que a terra se torna improdutivo (Henriques, 1917, p.75).

O capítulo sexto – A Fauna – resume trabalhos de outros autores e também algumas observações feitas por Júlio Henriques em 1903:

O conhecimento exacto dos animais que na ilha vivem (...) é devido às explorações de C. Weiss em 1847, e muito especialmente às do Dr. Greeff em 1884 e dos Srs. A. Moller em 1885, Francisco Quintas e Francisco Newton, e últimamente dos naturalistas franceses Ch. Gravier e A. Chevalier (Henriques, 1917, p.79).

No resumo que elabora, compara o número de espécies aclimatadas com o de espécies indígenas, como por exemplo: “*o número de mamíferos é pequeno e dêsses nem todos são rigorosamente indígenas na ilha, mas apenas aclimados*”, “*das 65 espécies de aves que vivem em S. Tomé 5 são comuns também às ilhas do Príncipe e Fernando Pó (...) 17 espécies se encontram em diversas partes da África ocidental, ficando portanto privativas de S. Tomé 25 espécies*” (Henriques, 1917, p.80-81).

O capítulo sete – A Flora – baseia-se em trabalhos anteriores, mas é enriquecido pelas impressões colhidas durante a viagem de 1903. Descreve, essencialmente, a vegetação e contém muitas referências sobre a ecologia de espécies arbóreas e também das plantas cultivadas:

Admirei a rapidês e vigôr da vegetação expontânea (...) num terreno sem cultura, mas povoado de árvores indígenas, as plantas trepadeiras tinham-se desenvolvido por tal forma que atingiam as partes mais altas das árvores e formavam uma rêde fechada, perfeitamente impenetrável (Henriques, 1917, p.90).

Júlio Henriques distingue na vegetação da ilha:

Três elementos distintos, um constituído pelos vegetais indígenas, outro formado pelos vegetais de antiga introdução e (...) perfeitamente adimados, o terceiro pelas plantas de

¹⁸ Considerando que “*o conhecimento do clima duma localidade qualquer não tem unicamente o interesse científico; é de primeira necessidade para a vida do homem e para o bom resultado das culturas, que êle queira empreender, ou dos animais que deseje criar*” (Henriques, 1917, p.75).

moderna introdução, o cafezeiro [Coffea sp.], o cacoeiro [Theobroma cacao L.], a fruta pão [Artocarpus altilis (Parkinson ex F.A.Zorn) Fosberg], as árvores de quina [Cinchona sp.], a vanilha [Vanilla sp.] e outras essências de muito restrita cultura (Henriques, 1917, p.91-92).

Das espécies arbóreas espontâneas destaca, por exemplo, os *Imbondeiros (Adansonia digitata L.)*, os *Ocás (Ceiba pentandra (L.) Gaertn.)*, as *Amoreiras (Chlorophora tenuifolia Engl.)*, o *Ipé (Olea welwitschii (Knobl.) Gilg & G.Schellenb.)*, o *Páu Lírio (Tabernaemontana stenosphon Stapf)* e o *Iza-Quente (Treculia africana Decne. ex Trécul)*. Descreve outra forma vegetal comum as “*Cordas [lianas] (...) características das florestas tropicais*” que:

Não crescem direitas, nem engrossam, como as outras. Não podendo conservar-se na posição vertical, vão crescendo e ramificando-se, encostando-se ou enrolando-se em volta das outras. Por vezes enrolam-se em si mesmas tomando formas curiosas (Henriques, 1917, p.93).

Relativamente às “*árvores modernamente introduzidas*” destaca três que, na sua opinião, “*modificam profundamente a paisagem pela forma e pela côr da folhagem*” – a quina (*Cinchona sp.*), o cafezeiro (*Coffea sp.*) e o cacoeiro (*Theobroma cacao L.*) (Henriques, 1917, p.95). Relativamente às palmeiras introduzidas, refere a *Palmeira Andim (Elaeis guineensis Jacq.)*, a *Palmeira Leque (Borassus aethiopum Mart.)* e o *Coqueiro (Cocos nucifera L.)* acerca do qual refere que “*nunca é grande a área ocupada pelos coqueiros e nunca distantes do mar as raízes deles parecem mesmo procurar a água salgada*” (Henriques, 1917, p.96). Acerca do *Páu Esteira (Pandanus thomensis Henriq.)* (Figura 3), espécie endémica por ele descrita (*Bol. Soc. Brot.*, 5: 206, 1887) diz:

Planta quasi arbórea, que como o coqueiro parece preferir a proximidade do mar (...) de cujas fôlhas longas e estreitas se fazem esteiras, do que deriva o nome. (...) Como estas plantas vivem associadas e a pequena distância umas das outras, as raízes cruzam-se e dão lugar à formação duma espécie de rede, difícil de vencer. Dão os grupos destas plantas um tom particular à paisagem (Henriques, 1917, p.96-97).



Figura 3 – *Pandanus thomensis* Henriq.

Continua o relato, referindo que “*Outros tipos vegetais são constituídos por plantas erváceas ou quando muito arbustivas. Dessas duas são as principais – a cana de açúcar [Saccharum sp.] e a bananeira [Musa sp.], ambas importadas pelos primeiros colonos*” (Henriques, 1917, p.97). Posteriormente, refere alguns grupos de plantas de menores dimensões, nomeadamente as gramíneas, as criptogâmicas vasculares (fetos) e as criptogâmicas celulares (musgos, hepáticas, fungos e líquenes) (Henriques, 1917, p.100). A diversidade de fungos mereceu destaque: “*É enorme o número deles em S. Tomé; com uma exploração relativamente pequena foram colhidas 204 espécies. Encontram-se por toda a parte sendo uns benéficos, outros bem prejudiciais*”; e em relação aos líquenes: “*são abundantes (...) dos quais 17 próprios de S. Tomé. A maior parte das espécies são das regiões altas e quasi todas corticícolas. É notável a falta de líquenes vivendo sobre pedras (...) dos líquenes ramosos alguns tomam grandes dimensões*” (Henriques, 1917, p.101).

Caracteriza separadamente as plantas cultivadas e as plantas indígenas quanto à distribuição em função da altitude e diz:

A distribuição das primeiras é fácil. A cana do açúcar encontra-se quasi exclusivamente na região mais baixa da ilha na costa ocidental (...), o coqueiro é encontrado perfeitamente à beira-mar (...) a palmeira Andim (...) chega até à altitude de 570^m e ainda em altitudes superiores (...). Pode pois tomar-se esta altitude como limite superior da primeira zona de vegetação, constituindo a região das palmeiras. O cacoeiro, que se encontra hoje em

grande parte da ilha e em todas as exposições, vái até 880^m de altitude. Será aí o limite da segunda zona de vegetação. A seguir o Cafezeiro, que vai até à altitude de 1050^m, marca outra zona; as quinás, que formam pequenas florestas ainda a 1400^m, marcam o limite superior das culturas” (Henriques, 1917, p.106).

Por sua vez, a distribuição das plantas indígenas é mais difícil de caracterizar, podendo distinguir-se em duas zonas: *“uma inferior, desde a costa até próximamente 1000 metros, a outra, superior, desde essa altitude até ao Pico [2024 m]”* (Henriques, 1917, p.106). Para além das espécies comuns às duas zonas, registam-se 248 espécies exclusivamente na zona inferior e 133 na zona superior. No entanto, os líquenes, musgos e fetos predominam na zona superior.

O oitavo capítulo – A Agricultura – versa outro tema caro a Júlio Henriques, nomeadamente a agricultura tropical¹⁹. Tece considerações gerais: *“é possível obter qualquer produção vegetal em qualquer solo (...) uma vez que à planta sejam fornecidas (...) algumas substâncias nutritivas, que ela reclame. Ainda é (...) possível modificar a composição (...), o grau de humidade, isto é corrigir os defeitos que dificultem a cultura”,* por sua vez *“lutar contra o clima é que é impossível”* pois *“está-se dependente das acções meteorológicas, das leis gerais das estações, das variações de temperatura, etc.”* (Henriques, 1917, p.112). Explica ainda que *“é (...) essencial conhecer e compreender essas influências para se poder tentar combater-las quando forem desfavoráveis, e aproveitá-las no caso contrário”* (Henriques, 1917, p.112). Valendo-se das visitas efectuadas durante a viagem de 1903, descreve a organização e a vida nas roças e comenta: *“a organização das roças não apresenta grande variedade. Em geral quasi todas teem o mesmo tipo (...) em cada uma há a sede, centro de administração, e dependências, secções com administração especial subordinada à administração central”* (Henriques, 1917, p.114). Descreve ainda as instalações e aspectos do quotidiano: *“a vida nas roças é toda trabalho, tanto para dirigentes, como para dirigidos”* (Henriques, 1917, p.118). Ilustra este capítulo com belíssimas fotografias (Figura 4). Na parte final descreve as principais culturas da ilha – práticas agrícolas, colheita modo de preparação dos produtos finais: *“a cultura que primeiro foi ensaiada na ilha foi a da cana do açúcar”, “a cultura do cafezeiro foi a que se seguiu”,* mais tarde *“ensaiou-se a cultura do cacau e com tão bons resultados que (...) se tornou a cultura dominante”, “uma outra cultura foi iniciada em 1868 e com grande entusiasmo (...) foi a cultura da quina”* e *“uma outra cultura iniciada modernamente – a das plantas produtoras de borracha”,* entre outras (Henriques, 1917, p.124-132).

¹⁹ Henriques, J. A. (1884). *Instruções praticas para culturas coloniaes*. Coimbra: Imprensa da Universidade. e Henriques, J. A. (1901). *Agricultura colonial*. Lisboa: Livraria Ferin. Sep. da Revista Portuguesa Colonial e Maritima.

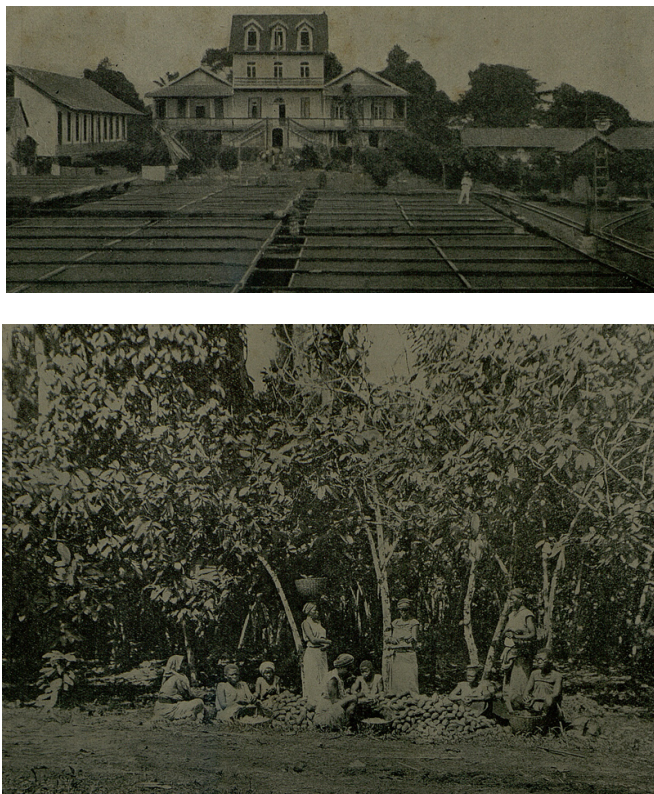


Figura 4 – a) Tabuleiros de secagem de cacau (*Theobroma cacao* L.) na Roça Santa Cecília, com a casa principal ao fundo; b) Descasque do cacau (Henriques, 1917).

No capítulo nove – *A Floresta* – Júlio Henriques aborda a importância da floresta e dos produtos florestais: “*A floresta tem acção preponderante sobre o clima, sobre a temperatura, sobre o grau de humidade e ate sobre a fertilidade da terra. (...) regulariza a queda das chuvas, modera a corrente das torrentes impedindo o efeito desastroso das inundações*” e alerta, uma vez mais (tal como no capítulo sobre o Clima), para os perigos da destruição das florestas “*Em toda a parte onde as florestas teem sido destruidas as condições da vida teem sido profundamente modificadas*” (Henriques, 1917, p.134). E adverte: “*se em S. Tomé continuar a destruição das florestas (...) a humidade diminuirá, a temperatura aumentará, e as culturas sofrerão*” dando como exemplo a cultura de cacau no Norte da ilha, já a sofrer falta de água (Henriques, 1917, p.135). Termina dizendo: “*A floresta é uma riqueza, que não deve ser desperdiçada. Se fôr destruida as consequências serão desastrosas*” (Henriques, 1917, p.135).

Quase a terminar, o décimo capítulo intitula-se “*Um problema*” e Júlio Henriques, lança uma questão: “*haveria (...) habitantes em S. Tomé na época neolítica?*” (Henriques, 1917, p.136). Esta hipótese foi levantada após a descoberta, na roça Porto-Alegre, de um instrumento de pedra muito semelhante a instrumentos de pedra polida encontrados no Congo que foram datados como pertencentes à época neolítica.

A última secção deste trabalho – “*Catálogo das espécies de animais e plantas até*

hoje encontradas na ilha de S. Tomé” – apresenta um extenso catálogo com todas as espécies faunísticas e florísticas encontradas em S. Tomé até à data da escrita deste trabalho.

O catálogo das espécies da fauna “*é transcrição de publicações feitas por diversos naturalistas, alguns estrangeiros*” e contabiliza um total de 495 espécies, entre as quais 34 endémicas da ilha de S. Tomé (Henriques, 1917, p.138).

O catálogo das espécies vegetais (sintetizado na Tabela I) representa o resumo dos trabalhos publicados ao longo de vários anos no *Boletim da Sociedade Broteriana* “*sendo na presente publicação feitas algumas adições e correcções*” (Henriques, 1917, p.138) e salientando, uma vez mais que “*nas determinações das especies mencionadas colaboraram não poucos botânicos estrangeiros*” (Henriques, 1917, p.138).

Grupo	Nº de espécies	Espécies próprias de S. Tomé
Algas	55	1
Fungos	173	43
Líquenes	86	22
Musgos	58	43
Hepáticas	74	39
Fetos	101	9
Gimnospérmicas	1	1
Angiospérmicas - Monocotiledóneas	127	24
Angiospérmicas - Dicotiledóneas	433	53
Total	1108	235

Tabela I – Número de espécies de diferentes *taxa* da flora da ilha de S. Tomé até 1917, com base no Catálogo de Henriques, 1917.

De forma a avaliar o contributo de Júlio Henriques para o conhecimento da flora de S. Tomé e Príncipe, apresenta-se, seguidamente, uma análise das publicações resultantes do material colhido, principalmente, por Möller, Quintas e Newton.

Trabalhos publicados no Boletim da Sociedade Broteriana (até 1909)

Diversos catálogos de espécies foram publicados no *Boletim da Sociedade Broteriana* entre 1885 e 1909. Acerca da dimensão da tarefa de identificação do material que ia chegando a Coimbra, diz Júlio Henriques:

É grande o numero dos exemplares colhidos [por Möller] e na maior parte em boas condições para estudo, e será facil a organização de collecções que poderão ser distribuidas por diversos estabelecimentos officiaes, logo que esteja concluido o estudo necessário (...). O estudo de todas estas especies não poderá ser feito com a rapidez, que poderá ser desejada. Apesar de ter procurado reunir grande parte dos livros, que me serão necessarios, faltam-me exemplares de herbario para fazer confrontações e não poucas vezes terei de recorrer a botanicos estrangeiros. O resultado da exploração de S. Thomé não é de certo completo. Será ainda indispensavel percorrer pontos diversos da ilha e em diversas epochas do anno (Henriques, 1886a, p.7).

Apesar destas considerações, a primeira parte do catálogo de espécies foi publicada logo em 1886: “*O catalogo das plantas de S. Thomé, cuja publicação agora começa, não é mais do que o inventario dos trabalhos alli feitos*” (Henriques, 1886b, p.130). Este catálogo encontra-se dividido em três partes: 1) “*Contribuições para o estudo da flora d’Africa. Flora de S. Thomé. Catalogo das plantas cryptogamicas*” – volume 4 (1886); 2) “*Contribuições para o estudo da flora d’Africa. Catalogo da flora da Ilha de S. Thomé*” – volume 5 (1887) e 3) “*Contribuição para o estudo da flora d’Africa. Catalogo da flora da Ilha de S. Thomé*” – volume 10 (1892). Na Introdução do trabalho de 1886 pode ler-se: “*Esta primeira parte do catalogo comprehende só as plantas cryptogamicas, estudadas por botanicos especialistas*” (Henriques, 1886b, p.130). Este catálogo inclui 361 espécies de criptogâmicas, colhidas, principalmente, por Möller (1885), Quintas e Newton e é creditada, por áreas científicas, a colaboração de diversos especialistas estrangeiros²⁰.

No ano seguinte (1887), é publicada a 2ª parte:

É o presente catalogo continuação do que foi publicado no Boletim da Soc. Broteriana, vol. IV e comprehende as plantas gymnospermicas e monocotyledoneas colhidas pelos srs. Moller e F. Quintas nas ilhas de S. Thomé e Rolas, e com o fim de o tornar tão completo quanto possivel a estas juntei algumas colhidas por Don e Welwitsch (Henriques, 1887a, p.196).

Neste trabalho incluem-se 91 espécies de monocotiledóneas, pertencentes a 12 famílias, e uma gimnospérmica sendo 14 destas espécies e dois géneros considerados novas para a ciência. Também no estudo destes grupos taxonómicos, Júlio Henriques contou com o auxílio de diversos especialistas. De referir a menção: “*O sabio botânico Conde de Solms-Laubach auxiliou-me efficaamente no estudo do Pandanus de S. Thomé*” (Henriques, 1887a, p.197).

Antes de iniciar a listagem das espécies e respectivas famílias, Júlio Henriques salientou tratar-se de um trabalho ainda em curso, sujeito a alguns contratempos: “*O catalogo é de certo incompleto. A exploração a que está procedendo o sr. F. Quintas não deixará de fornecer elementos novos de estudo, que completarão o trabalho agora publicado*” (Henriques, 1887a, p.197).

Cinco anos decorreram até à publicação da 3ª parte do catálogo, merecendo de Júlio Henriques o seguinte comentário: “*Hoje começo a publicação das dicotyledoneas. De tao tardia publicação foi causa especial a diffculdade da determinação de muitas especies por falta de material de estudo*” (Henriques, 1892, p.97). Este catálogo é composto por 353 espécies:

A principal collecção de plantas agora catalogadas é ainda devido á exploração botanica do sr. A. Moller. Muitas ha tambem do sr. F. Quintas e d’esse muito mais esperava obter, se elle não tivesse de dar por terminada a commissão de que tinha sido encarregado

²⁰ A este respeito diz Júlio Henriques: “*eu apenas estudei as cryptogamicas vasculares, desejando porém evitar erros, que facilmente podia cometer, faltando-me os meios de estudo convenientes, sujeitei todo o meu trabalho ao exame do sr. Baker, de Kew, cujo nome e autoridade são de todos conhecidos*” (Henriques, 1886b, p.130).

para completar o estudo da flora d'aquella região. Muitos exemplares, que possuo, estão incompletos e com o auxilio d'este excellente collector contava para obter material perfeito. Será possível publicar mais tarde um suplemento para melhor fazer conhecida a flora d'esta ilha” (Henriques, 1892, p.97).

Mais uma vez, Júlio Henriques mencionou e agradeceu a colaboração de diversos especialistas.

A dimensão das colheitas de determinados grupos de organismos justificou a publicação de catálogos por alguns autores estrangeiros, como foi o caso dos fungos (Bresadola e Roumeguère, 1889; Bresadola, 1891; Saccardo e Berlese, 1889; Saccardo, 1893; Saccardo, 1904/1905) e dos musgos (Brotherus, 1890). Estes trabalhos foram publicados no *Boletim da Sociedade Broteriana* e transcritos em revistas da especialidade (ex.: *Revue Mycologique*).

No primeiro trabalho dedicado inteiramente ao estudo dos fungos – “*Mycetes aliquot guineenses a clar. Moller et F. Newton lecti in ins. S. Thomae et Principis*” (Saccardo e Berlese, 1889) foram identificadas 24 espécies de fungos, 9 das quais novas para a ciência. No mesmo volume do *Boletim da Sociedade Broteriana*, Bresadola e Roumeguère publicaram “*Nouvelles contributions à la Flore mycologique des Iles Saint-Thomé et du Prince recueillies par MM Ad. F. Moller, F. Quintas et F. Newton étudiées par MM. G.Bresadola et C. Roumeguère*”, que contém 85 espécies de fungos, das quais 61 novas para a flora de S. Tomé e Príncipe e 10 novas para a ciência. Em “*Contributions à la Flore Mycologique de l’Ile de S. Thomé*” (Bresadola, 1891) são estudadas 26 espécies, das quais 7 espécies e 1 variedade novas, todas colhidas por Möller. Alguns anos mais tarde, em 1893, Saccardo publicou “*Sistens aliquot fungillos lusitanicos e guineenses*²¹” onde descreve 14 espécies de fungos, 8 das quais colhidas por Möller em S. Tomé. Em “*Fungi aliquot africani lecti a cl. A. Moller, Is. Newton et A. Sarmento*” (Saccardo, 1904/1905) são descritas 40 espécies de fungos de S. Tomé, Moçambique e Guiné, 7 das quais colhidas por Möller em S. Tomé.

Os musgos foram alvo do artigo “*Musci novi Insularum Guineensium*” (Brotherus, 1890) onde o cientista finlandês descreve 27 novas espécies de musgos²², colhidas por F. Quintas em S. Tomé e Príncipe (ver Figura 5).

²¹ Apêndice do artigo “*Florula Mycologica Lusitanica sistens contributionem decimam ad eandem floram nec non conspectum fungorum omnium in lusitania hucusque observatorum*”.

²² A primeira colecção de musgos colhida por A. Möller havia sido estudada por Carolo Müller e publicada na primeira parte do Catálogo da flora de S. Tomé (1886). No presente trabalho, Brotherus faz essa referência e agradece-lhe a opinião a respeito das espécies novas que propõe.

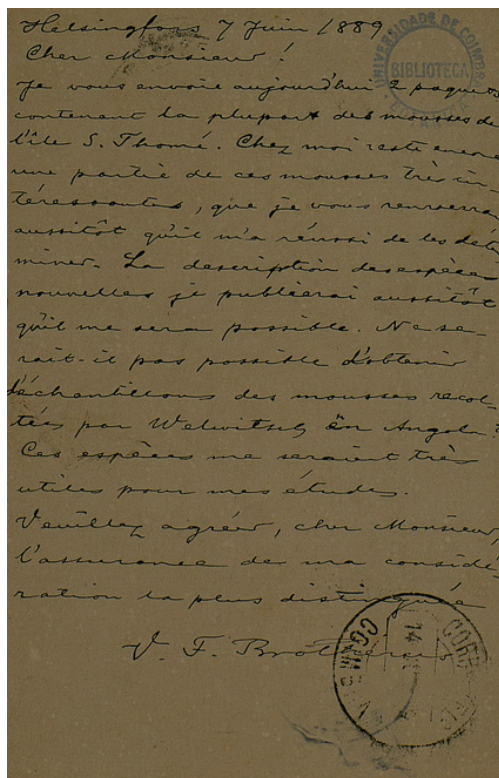
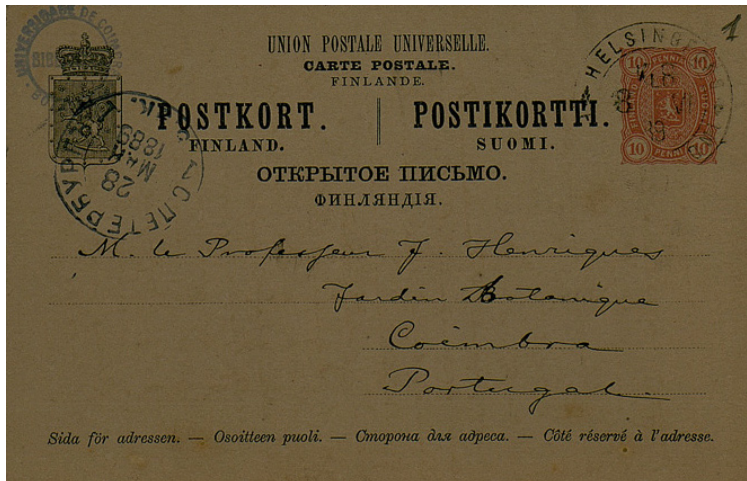


Figura 5 – Bilhete postal de V. F. Brotherus a Júlio Henriques (1889) acerca da determinação de musgos de S. Tomé. **a)** frente e **b)** verso. (Arquivo do Instituto Botânico, Fundo JH – Pasta Be-By (136) - BRO (VF)-1).

No volume 24, foi publicado “*Plantae Insulae St. Thomae*”, onde são descritas duas espécies de fungos (por Veríssimo d’Almeida e Sousa da Câmara) e uma espécie da família Melastomataceae (por A. Cogniaux).

A única Gimnospérmica nativa em S. Tomé é *Afrocarpus mannii* (Hook.f.) C.N.Page (então designada por *Podocarpus Mannii*) e foi objecto do estudo “*Recherches histo-*

logiques sur le Podocarpus Mannii” (1889) da autoria de Augusto Nobre e realizado com material colhido por Möller, nas imediações da Lagoa Amélia, a 1400m de altitude.

Além dos trabalhos mencionados foram publicados outros catálogos que incluíam plantas colhidas em S. Tomé e Príncipe e noutras regiões de África. Em 1885, Júlio Henriques publicou “*Contribuição para o estudo da flora d’algumas possessões portuguesas – Plantas colhidas por F. Newton da Africa occidental*” que é composto por 124 espécies, 5 das quais colhidas em S. Tomé. Em 1887, foi publicado “*Contribuições para o estudo da Flora da costa occidental d’Africa*”, que inclui 85 espécies colhidas por D. Maria José Chaves em Boma e, principalmente, por F. Newton na ilha do Príncipe. A respeito desta ilha diz, Júlio Henriques: “*a exploração da ilha do Principe foi incompleta e necessario é decerto que seja continuada. A grande accidentação da ilha deve favorecer a diversidade da vegetação*” (Henriques, 1887b, p.220). Em 1889, foi publicado o trabalho “*Contribuições para o conhecimento da flora d’Africa – Catalogo de plantas da Africa Portuguesa colhidas por M. R. de Carvalho (Zambezia); J. Cardoso (Cabo Verde); F. Newton (Ajudá e Angola); F. Quintas (Principe); J. Anchieta (Quindumbo); D. Maria J. Chaves (Congo); padre J. M. Antunes (Huilla)*” que inclui um total de 141 espécies, 15 das quais colhidas por Newton e Quintas no Príncipe. Em 1891, foi publicado o “*Catalogo de Plantas da África Portuguesa colhidas por Capello e Ivens (Angola); F. Quintas (Ilha do Principe e S. Thomé)*” que inclui 40 espécies, colhidas na sua maioria por Quintas em S. Tomé e no Príncipe. No volume 17, em 1900, foi publicado “*Contribuição para a Flora Africana – Catalogo de Plantas Africanas*”, que inclui 437 espécies, entre elas 20 colhidas em S. Tomé e no Príncipe por Jacinto de Sousa, Patricio Alvares e A. J. d’Almeida.

Considerações Gerais

A análise do legado de Júlio Henriques sobre a flora de S. Tomé e Príncipe, baseada nas publicações científicas (nomeadamente catálogos de espécies), evidencia um contributo notável para o conhecimento da flora do arquipélago, no contexto da época. Arthur Exell²³, autor de um catálogo das plantas vasculares do arquipélago, afirma:

About 1880 (...) a series of investigations were carried out under the direction of Professor Julio Henriques (...). He visited S. Tomé in 1903 and made a small collection. There are specimens at Coimbra, Berlin and Kew. The main importance of his visit is that it resulted in his excellent general account of the island entitled “A Ilha de S. Tomé sob o ponto de vista Historico-Natural e Agricola” (Exell, 1944, p.12-13).

Inevitável se torna tecer algumas considerações acerca do modo como, com poucos recursos humanos e financeiros, alcançou Júlio Henriques tais resultados. No caso de S. Tomé e Príncipe, Júlio Henriques assegurou a realização das colheitas botânicas através de uma expedição a S. Tomé formalmente organizada (1885, A. F.

²³ Arthur Exell (1901-1993) – botânico do *British Museum*; visitou as 4 ilhas do Golfo da Guiné em 1932.

Möller) e da colaboração de outros naturalistas e de amadores (ex.: proprietários agrícolas). Garantiu a identificação do material que ia chegando a Coimbra – pertencente a taxa diversos e em número apreciável – com a colaboração de outros cientistas, maioritariamente estrangeiros. E assim, colecções africanas foram enriquecendo, a partir de Coimbra, os Herbários de diversas instituições europeias de referência (ex.: Kew, Berlim).

Na actualidade, tem-se registado enorme interesse pelo estudo e conservação da biodiversidade do arquipélago de S. Tomé e Príncipe. Relativamente à flora, e a título de exemplo, podem referir-se estudos dedicados às plantas com flor (Angiospérmicas)²⁴ e a briófitas²⁵; em todos estes trabalhos foram consultados os catálogos de Júlio Henriques e as colecções de herbário que organizou.

Mas nem sempre assim é, devido seguramente a dificuldade de acesso a fontes antigas. Por exemplo, os micólogos Dennis Desjardin e Brian Perry, que têm realizado expedições no arquipélago e descreveram uma espécie de S. Tomé nova para a ciência (*Phallus drewesii*, Basidiomycota), afirmaram, em 2009: “*until recently no biotic surveys of the mycota from the region had been conducted*” (Desjardin e Perry, 2009, p.545). E no entanto, Júlio Henriques referira-se assim aos fungos: “*É enorme o número deles em S. Tomé; com uma exploração relativamente pequena foram colhidas 204 espécies*” (Henriques, 1917, p.101).

Terminamos salientando a importância das colecções do Herbário da Universidade de Coimbra e da chamada “literatura cinzenta” para a investigação botânica e micológica em curso e no futuro. Actualmente, a digitalização do *Boletim da Sociedade Broteriana* (disponível em http://bibdigital.bot.uc.pt/obras/UCFCTbt-E-21-26-29_72/globalItems.html) garante já o acesso a informação relevante.

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto «HC/0064/2009 – A História da Botânica na Universidade de Coimbra e a sua expressão no mundo lusófono: de Brotero a Abílio Fernandes».

Referências

Almeida, V.; Câmara, S.; Cogniaux, A. (1908/1909). *Plantae Insulae St. Thomae. Boletim da Sociedade Broteriana*, 24, 240-241.

Bresadola, G.; Roumeguère, C. (1889). Nouvelles contributions à la Flore mycologique des Iles Saint-Thomé et du Prince recueillies par MM Ad. F. Moller, F. Quintas et F. Newton étudiées par MM. G. Bresadola et C. Roumeguère. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 7, 159-177.

Bresadola, G. (1891). Contributions à la Flore Mycologique de l'île de S. Thomé. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 9, 38-44.

²⁴ Figueiredo, E. (1994). Diversity and endemism of angiosperms in the Gulf of Guinea islands. *Biodiversity and Conservation*, 3, 785-793 e Figueiredo, E.; Paiva, J.; Stévant, T.; Oliveira, F.; Smith, G. F. (2011). Annotated catalogue of the flowering plants of São Tomé and Príncipe. *Bothalia*, 41, 41-82.

²⁵ Sérgio, C.; Garcia, C. (2011). Bryophyte flora of São Tomé e Príncipe Archipelago (West Africa): annotated catalogue. *Cryptogamie, Bryologie*, 32, 145-196.

- Brotherus, V. F. (1890). Musci novi Insularum Guineensium. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 8, 173-190.
- Carvalho, A. F. (1921). As rochas da Ilha de S. Tomé. *Memórias e Notícias*, 1, 9-24.
- Carvalho, A. F. (1929). A Investigação Científica nas Colónias Portuguesas. *Boletim da Agência Geral das Colónias*, 43, 126-142.
- Cavaco, J. F. (1921). Análise química da rocha do Cão Grande da Ilha de S. Tomé. *Memórias e Notícias*, 1, 24-25.
- Desjardin, D. E.; Perry, B. A. (2009). A new species of *Phallus* from São Tomé, Africa. *Mycologia*, 101, 545-547.
- Exell, A. W. (1944). *Catalogue of the Vascular Plants of S. Tomé (with Principe and Annobon)*. London: British Museum (Natural History).
- Fernandes, A. (1982). *Bibliografia mais relevante sobre botânica pura e aplicada referente aos países africanos de expressão portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Fernandes, A. (1991). Contribuições mais relevantes da universidade de Coimbra para o conhecimento da flora de Portugal e das ex-colónias. *Actas do congresso "História da Universidade"*, 4, 139-156.
- Gouveia, A. C. (2012). O Naturalista Adolpho Frederico Möller em S. Tomé e Príncipe: dos acidentados terrenos tropicais aos bastidores da Academia.
- Henriques, J. A. (1880). *Instruções praticas para a cultura das plantas que dão a quina*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Henriques, J. A. (1885a). Contribuição para o estudo da flora d'algumas possessões portuguesas – Plantas colhidas por F. Newton na Africa occidental. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 3, 129-140 e 226-229.
- Henriques, J. A. (1885b). Explorações botanicas nas possessões portuguezas. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 3, 232-236.
- Henriques, J. A. (1886a). Exploração Botanica de S. Thomé. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1, 6-9.
- Henriques, J. A. (1886b). Contribuições para o estudo da flora d'África – Flora de S. Thomé – Catalogo das plantas cryptogamicas. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 4, 129-221.
- Henriques, J. A. (1886c). Explorações botanicas na Africa. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 4, 250-252.
- Henriques, J. A. (1887a). Contribuições para o estudo da flora d'África – Catalogo da flora da Ilha de S. Thomé. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 5, 196-220.
- Henriques, J. A. (1887b). Contribuições para o estudo da flora da costa occidental d'África. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 5, 220-232.
- Henriques, J. A. (1889). Contribuições para o conhecimento da flora d'África – Catalogo de plantas da Africa Portuguesa colhidas por M. R. de Carvalho (Zambezia); J. Cardoso (Cabo Verde);

F. Newton (Ajudá e Angola); F. Quintas (Príncipe); J. Anchieta (Quindumbo); D. Maria J. Chaves (Congo); padre J. M. Antunes (Huilla). *Boletim da Sociedade Broteriana*, 7, 223-240.

Henriques, J. A. (1891). Catalogo de Plantas da África Portuguesa colhidas por Capello e Ivens (Angola); F. Quintas (Ilha do Príncipe e S. Thomé). *Boletim da Sociedade Broteriana*, 9, 135-143.

Henriques, J. A. (1892). Contribuição para o estudo da flora d'África. Catalogo da flora da Ilha de S. Thomé. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 10, 97-165.

Henriques, J. A. (1900). Contribuição para a flora africana – Catalogo de plantas africanas. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 17, 42-88.

Henriques, J. A. (1917). A Ilha de S. Tomé sob o ponto de vista historico-natural e agricola. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 27, 1-197.

Henriques, J. A. [Carta] 1903, Maio, 26, Coimbra [a] Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, [Lisboa] [Manuscrito]. 1903a. 2f.

Nobre, A. (1889). Recherches histologiques sur le Podocarpus Mannii. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 7, 115-126.

Palhinha, R. T. (1949). Júlio Henriques: Botânico e Mestre (Esboço Biográfico). *Portugaliae Acta Biologica*, Volume Júlio Henriques, V-XXXV.

Pereira, A. L. et al. (2007). *A Natureza, as suas Histórias e os seus Caminhos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Saccardo, P. A. (1893). APPENDIX – Sistens aliquot fungillos lusitanicos e guineenses. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 11, 67-70.

Saccardo, P. A. (1904/1905). Fungi aliquot africani lecti a cl. A. Moller, Is. Newton et A. Sarmiento. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 21, 209-217.

Saccardo, P. A.; Berlese, A. N. (1889). Mycetes aliquot guineenses a clar. Moller et F. Newton lecti in ins. S. Thomae et Principis. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 7, 110-114.